

A IGREJA EM SUAS ORIGENS: REVISITANDO OS ATOS DOS APÓSTOLOS

THE CHURCH IN ITS ORIGINS: REVISITING THE ACTS OF THE APOSTLES

*Irineu José Rabuske**

Resumo

A partir da Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, passou-se a falar em “discípulos missionários”. Nada mais sugestivo do que visitar o livro dos Atos dos Apóstolos e o prototípico apóstolo das nações, Paulo. O livro de At, na verdade, narra os “atos” de Pedro e de Paulo. O apóstolo das nações torna-se paradigma para os discípulos missionários de nossos dias.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja primitiva. Missão. Apóstolo.

Abstract

Drawing from the Latin American Episcopal Conference in Aparecida, we started to talk about “missionary disciples”. Nothing is more suggestive than revisiting the book of Acts of the Apostles and the prototypical apostle of the nations, Paul. The book of At, in fact, narrates the “acts” of Peter and Paul. The apostle of nations becomes a paradigm for missionary disciples of our day.

KEYWORDS: *Early Church. Mission. Apostle.*

Introdução

As páginas que seguem têm seu lugar vivencial na própria sala de aula e espero que assim também sejam entendidas e reconhecidas. Desse modo, o texto tem função mais propedêutica do que polêmica,

* Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS. E-mail: <irineu.rabuske@puers.br>.

tendo em vista que a caminhada da Igreja no Novo Milênio continua decisivamente a se inspirar na caminhada das primeiras comunidades, nas origens cristãs. A leitura do livro dos *Atos* ilumina a caminhada da Igreja neste início de Milênio, em sua busca constante de continuar fiel ao projeto de Jesus, como o foram as primeiras comunidades cristãs.

A partir da Conferência de Aparecida, consagrou-se o conceito “discípulo missionário”. Nada mais adequado, portanto, revisitar a Igreja em suas origens, quando, no ardor da novidade, constituiu um movimento impulsionado pelo Espírito Santo e levado adiante pelos discípulos missionários da primeira hora, entre os quais desponta, como figura maior, Paulo, o apóstolo por excelência. A partir de sua conversão, tornou-se o discípulo missionário por excelência.

1 Questões introdutórias

1.1 O título¹

Estamos tão habituados a ler e a ouvir o título “Atos dos Apóstolos”, que talvez nem nos passe pela cabeça o fato de estarmos diante de um título que na realidade não corresponde exatamente ao texto em questão. Acontece que originalmente não havia divisão entre o evangelho e o que hoje costumamos chamar de “Atos dos Apóstolos”. Lucas teve em mente compor uma só obra, em dois volumes. No prólogo (*Lc* 1,1-4) o evangelista deixa bem clara sua intenção literária.

Atos (grego *práxeis*) é um gênero literário específico na literatura da antiguidade. Constitui-se na coletânea de histórias edificantes e em parte biográficas de uma ou mais pessoas de certa fama. Na literatura apócrifa temos exemplos típicos de “atos”, como por exemplo os “Atos de Paulo e Tecla” e outros.

Em todo caso, a partir do século II, os padres da Igreja começam a denominar nosso texto de Atos dos Apóstolos, ou simplesmente de “Atos”. Lucas, como historiador, certamente não pensou em escrever exatamente no gênero literário “atos”. Ele quis compor uma obra historiográfica bem mais abrangente, englobando o seu evangelho e o atual livro dos Atos dos Apóstolos.

Observando um pouco mais atentamente o texto, pode-se com facilidade concordar que, na verdade, não temos diante de nós “atos”

¹ Cf. HAENCHEN E. *Die Apostelgeschichte*, p. 11ss.

dos apóstolos, e sim, apenas “atos” de Paulo.² Os demais apóstolos só são mencionados bem no início da obra. Após a conversão de Paulo, é só sobre este último que o livro trata.

1.2 O autor

Tradicionalmente, tem-se designado o autor como sendo Lucas, o companheiro de Paulo.³ Nunca foi cogitado outro nome com seriedade. Quem favorece a identidade argumentativa é a própria análise interna de Atos. Argumenta-se que há unidade de estilo entre as *seções nós* e o restante do livro. Depois, começa-se a eliminar todos os outros possíveis companheiros de Paulo. Restaria Lucas. Então seria um cristão da primeira geração.

Esta hipótese, que vingou por muito tempo, não resiste à crítica moderna. Os estudos da história das formas foram aos poucos desfazendo esta possibilidade. Em primeiro lugar, há uma diferença entre o próprio Paulo e o autor de Atos quanto ao título de apóstolo: o próprio Paulo reivindica para si este título (*ICor* 1,1; 9,2) com igualdade de posição junto a Cefas e Tiago. Em *At* este título é ignorado: aqui Paulo é visto como mero missionário, igual a Barnabé. Além disso, Lucas elabora “discursos de Paulo” que não fecham com a teologia do Paulo das cartas autênticas. Típico é o “discurso” de Paulo no areópago (*At* 17,22b-33): Lucas mostra um Paulo todo condescendente com a religiosidade pagã, enquanto o Paulo das espístolas autênticas não tem nada disso. O Paulo histórico, ao contrário, polemiza constantemente com a religiosidade pagã, na qual não vê nenhum valor positivo. Para Paulo, a filosofia popular e a religiosidade pagã não passam de ignorância que escraviza. A partir de argumentos deste tipo é que, com base, agora, no já clássico comentário de Ernst Hänchen, não se aceita mais que “Lucas, o companheiro de Paulo”, seja autor dos Atos.⁴ A grande evolução que se pode observar em *At*, leva os exegetas a admitirem, quase com

² Cf. BOISMARD, M.-É e LAMOUILLE, A. *Lex Actes des Deus Apôtres*, p. 6ss. Como o próprio título da obra indica, os autores consideram o livro canônico de *At* como narrativa das gestas de Pedro e, sobretudo, de Paulo.

³ Esta hipótese tradicional baseia-se num indício em *Fm* 24, onde Paulo cita um certo “Lucas” entre seus colaboradores. Este nome ocorre ainda em duas epístolas da tradição paulina: *Cl* 4,14 (Saúdam-vos Lucas, o médico amado, e Demas.) e *2Tm* 4,11 (Somente Lucas está comigo...).

⁴ Cf. Ernst HAENCHEN, *Der Weg Jesu: eine Erklärung des Markus-Evangeliums un der kanonischen Parallelen*, p. 1-41.

unanimidade, que o autor de *At* é um cristão da segunda geração, que escreve em alguma cidade helenista do império romano.

1.3 *Lucas, o historiador*

Permanece o nome “Lucas” por questão de comodidade e por causa da tradição. Em todo caso, este autor é o único, em todo o NT, que antes de iniciar sua obra (*Lc-At*), faz uma apresentação de si e dos seus propósitos (*Lc* 1,1-4). No início de *Lc*, o autor diz que fez uma acurada pesquisa histórica sobre os fatos que ele vai narrar. Acrescenta não ser o único, mas que outros também já fizeram isso. Portanto, Lucas apresenta-se como historiador. Isso, à primeira vista, seria ótimo para nós, pois estaríamos diante de uma fiel narrativa de como aconteceu a evolução do movimento de Jesus, desde a pregação na Galileia até à sua expansão até os confins da terra (*At* 1,8). Há pessoas que de fato avaliaram e até continuam a avaliar *At* desta maneira. É preciso, porém, ver se isso é correto. Podemos honestamente ver em *At* uma fiel narrativa de toda evolução do movimento de Jesus? É Lucas um historiador confiável,⁵ nos moldes e nos padrões da historiografia como nós hoje a entendemos?

Procuremos, pois, identificar o conceito de história que Lucas pode ter tido. Sendo uma pessoa do seu tempo, certamente não terá pensado diferente de outros “historiadores” da época. Para ilustrar, temos um caso bastante próximo a Lucas. Trata-se do historiador judeu Flávio Josefo, que, tendo passado para o lado dos romanos, acompanhou a campanha militar de Vespasiano e Tito contra Jerusalém nos anos 68-70. Ele narrou toda essa campanha militar no seu famoso livro “A guerra judaica”. Pois bem, nessa obra, Flávio Josefo narra a tomada da fortaleza de Massada, ao sul do Mar Morto. Lá estavam refugiados os saduceus. Resistiram por três anos. Tinham consigo algumas pessoas da realza judaica e acalentavam o sonho de reconstituir o estado autônomo. Por fim, os romanos escalaram, com estremo sacrifício, um dos lados da fortaleza natural. Lá encontraram todos os resistentes mortos, degolados. Antes de morrer, o chefe fez um ardente discurso, dizendo, em resumo,

⁵ Cf. CONZELMANN, Hans *El Centro del Tiempo*. Madrid: Ediciones Fax, 1974. A visão “histórica” de Lucas é bem mais de ordem teológica, como bem expõe Conzelmann nessa obra fundamental para a compreensão redacional de *Lc*. Como em sua origem *Lc* e *At* eram uma obra só, em dois volumes, também é necessário tê-la presente quando se estuda *At*.

que nós somos corpo e alma. Se morrermos, nossa alma vai para junto de Deus. Por isso, seria maior glória de Deus o suicídio coletivo, do que cair vergonhosamente na mão os pagãos. Isso convenceu-os ao suicídio coletivo. Agora vem nossa pergunta: como Flávio Josefo sabe tudo isso? Ele diz no livro que uma mulher fugiu de lá e lhe narrou esses fatos. Não é muito confiável. Além do mais, o discurso de Eleazar é tipicamente helenístico, não tem muito a ver com a teologia judaica. De modo que é possível duvidar de que Flávio Josefo esteja realmente narrando os fatos brutos. Antes, é bem mais provável que, em sua narrativa, esteja sendo guiado por outros critérios.

Este exemplo pode ajudar-nos a entender a historiografia que se praticava na antiguidade. Não é uma objetiva narrativa dos fatos, e sim uma narrativa que atende a certas ideias que o historiador quer defender.

Lucas quer fazer a história da Palavra e do Espírito, para que as pessoas de suas comunidades pudessem perceber qual era a sua identidade. Queria, além disso, dar uma sacudida em suas comunidades para que voltassem ao primeiro fervor. Lucas tem a intuição de apresentar uma compreensão globalizante da peripécia da Palavra de Deus na vida da humanidade. Para ele, a história, em sua totalidade, constitui-se de três etapas ou tempos. A primeira é a etapa das promessas, abarcando todo o *At*. A segunda, é a etapa do cumprimento das promessas (*Lc* 4,16ss: hoje cumpriu-se...), é o tempo da pregação de Jesus de Nazaré. A terceira etapa é a do Espírito Santo e da Igreja. Em *At*, Lucas descreve esta terceira etapa, estabelecendo uma ponte histórica das suas comunidades para as etapas anteriores. Essa constitui-se no grande objetivo que norteia Lucas, essa é a sua grande meta.

1.4 *Uma obra em dois volumes: ‘Evangelho de Lucas’ e ‘Atos dos Apóstolos’*

Não se deve jamais perder de vista que estamos diante de um caso único. Embora *Lc* seja um evangelho sinótico, ele é completado com uma segunda parte, ou segundo volume, constituído pelos Atos. O descuido com este aspecto particular pode acarretar sérias consequências na avaliação exegética de Atos. Muitos aspectos da comunidade de Lucas só podem ser detectados se, como adiante veremos, também levarmos em conta dados presentes no evangelho. O pensamento lucano apenas é palpável levando-se em conta o conjunto da obra.

Em *Lc* 1,1-4 temos uma verdadeira introdução a toda a obra de *Lc-At*. Lá o autor apresenta-se de alguma maneira e, principalmente, fala

sobre o seu modo de proceder. Já em *At* 1,1-5, não se trata de um prólogo propriamente dito, mas de um resumo do primeiro volume. Assim o autor proporciona ao leitor um engate para o segundo volume.

2 Ambiente histórico

Para identificar traços históricos, sociais e econômicos da comunidade em que Lucas escreveu os Atos, é preciso recordar que, em sua origem, *Lc* e *At* foram escritos como uma obra só, em dois volumes. Assim sendo, precisa-se levar em conta não só o texto de *At*, mas também o de *Lc*. Segue-se, neste trabalho, o critério da plausibilidade histórica: se há um indício no texto, vai-se aos estudos históricos conferir se tal situação é pensável e admissível.

Em primeiro lugar, observa-se que *Lc* é o evangelho mais incisivo em denunciar as contradições sociais.⁶ É neste evangelho que vamos encontrar os textos mais contundentes contra a riqueza socialmente descomprometida. Basta lembrar a parábola do pobre Lázaro e do rico epulão (*Lc* 16, 19-31). Pode-se acrescentar a isso a parábola do bom samaritano (*Lc* 10,29-37), a porta estreita (*Lc* 13,22-30). Haveria mais textos que mostram a radicalidade de Lucas.

Com esses indícios, podemos começar a perguntar: Como é a comunidade de Lucas?

Há indícios claros em *Lc* de que o evangelista não conhece a Palestina. Isso nos permite colocar sua comunidade numa região helenista, provavelmente da Ásia proconsular. O mais provável é que a comunidade de Lucas, lá pelos anos oitenta, esteja sendo um pequeno espelho do que era uma cidade helenista do império romano. Uma pequena burocracia romana que, em nome do império, coopta a classe dominante local, formando assim uma minoria privilegiada. A estes ainda se pode juntar comerciantes. Depois disso, vem a massa popular de escravos e trabalhadores autônomos.⁷

Assim sendo, a comunidade de Lucas deve compor-se de uma minoria privilegiada e de uma maioria pobre e indigente. O próprio

⁶ Cf. Philip Francis ESLER, *Community and Gospel in Luke-Acts: the social and political motivations of lucan theology*. Cap. VII, "The poor and the rich", p. 164-200.

⁷ Cf. W. MEEKS, *Os primeiros cristãos urbanos*: O mundo social do apóstolo Paulo. Trata-se de uma obra básica para a compreensão das comunidades paulinas em ambiente urbano. Foi com Paulo que o Cristianismo deixou de ser um movimento rural para fixar-se na cidade.

apóstolo Paulo, escrevendo aos cristãos de Corinto, indica uma tal composição social. Na comunidade de Lucas deve haver militares e outros funcionários do Império Romano.⁸

3 Estrutura literária e temática

3.1 Observações iniciais

Identificar a estrutura literária de um escrito não é coisa fácil. Para tanto, é preciso, em primeiro lugar, estabelecer um ou mais critérios, pois o autor, geralmente, não deixa muito explícito o esquema que tinha ao escrever. O fato é que, principalmente na antiguidade, o autor sempre tinha um esquema pré-estabelecido. Naquele tempo ninguém podia dar-se ao luxo de sair escrevendo de qualquer jeito, uma vez que escrever era uma tarefa muito árdua e custava muito dinheiro em material e pessoal. Tudo seria mais fácil se o autor tivesse feito um sumário, como nós hoje somos habituados a fazer ou a encontrar nos livros.

Assim sendo, os autores, no caso dos Atos, identificam estruturas diversas, segundo os critérios que adotam.⁹ Não nos será possível aqui discutir cada proposta individualmente. Por questões de praticidade, apenas apresentaremos uma, que tem bastante aceitação entre os exegetas.

Antes, porém, uma palavra prática. Independentemente de qual estrutura se adote, o mais universalmente aceito com respeito a Atos é de que o “Concílio de Jerusalém” (At 15) funciona como elo de ligação entre duas partes praticamente simétricas. A primeira (At 1,1-14, 28) relata as origens do movimento cristão até o encontro de Paulo com as “colunas da Igreja” e o conseqüente acerto entre as partes (At 15,1-35). A segunda parte (At 15,36-28) em que e narram as viagens apostólicas de Paulo e sua equipe missionária e a fundação das comunidades, concluindo com a presença de Paulo em Roma, pregando abertamente a Palavra, sem sofrer nenhum obstáculo.

⁸ Em Lc 7,1-10 temos um exemplo. Trata-se aí da cura do servo do centurião. No texto de Lc é claro que o evangelista está pensando num centurião romano. É Lucas quem o vê assim. Esta narrativa, porém, é de origem palestinese antiga, pois consta na fonte Q. Só que na fonte Q é improvável que se pense em termos de missão entre os gentios. Portanto, lá deve ter-se tratado de um soldado judeu mesmo. Lucas, porém, que já não sabe destas coisas, transforma-o em centurião romano. Em At 10, 1ss, temos outro indício da presença de funcionários romanos na comunidade de Lucas: Pedro vai à casa do centurião romano Cornélio.

⁹ Cf. J. COMBLIN, *Atos dos Apóstolos*, v. 1, p. 66s; cf, também R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, São Paulo: Paulus, 1984, p. 27-43.

Para identificar uma estrutura mais detalhada de *At*, é preciso ter em conta certos critérios. Seguiremos a proposta de R. Fabris.¹⁰ Para a identificação da estrutura, o autor leva em conta três critérios:

- a) as diferentes formas literárias: trechos narrativos; discursos e esquemas-fórmulas de resumo ou sumários. Lucas recolhe materiais em sua pesquisa e os translada para estas formas. Os trechos narrativos dão forma literária aos *acontecimentos*. Os discursos representam o esforço de *interpretação* dos acontecimentos. Esquemas-fórmulas de resumo ou sumários, funcionam como elos de ligação entre um e outro ciclo narrativo.
- b) As etapas do desenvolvimento missionário: Jerusalém e Antioquia são os dois polos de expansão da primeira parte de *At*. Centros intermediários Samaria e Cesareia, onde pela primeira vez o grupo cristão é reconhecido como igreja de pleno direito. Depois, sempre mantendo como referência Jerusalém e Antioquia, o centro de gravidade se desloca para fora da Palestina: às vezes nos centros urbanos da Macedônia (Filipos e Tessalônica) e da Grécia (Atenas e Corinto) ou da Ásia Proconsular (Trôade e Éfeso). Por final, com a prisão de Paulo, volta-se novamente à Palestina (Jerusalém e Cesareia), agora com a perspectiva orientada diretamente para Roma, onde Paulo chega, com uma pequena comitiva.
- c) Textos indicadores temáticos: Há alguns textos que explicitamente funcionam como orientadores temáticos. Um exemplo é *At* 1,8: aí se traça idealmente o futuro do grupo. Nestas palavras, indica-se o percurso histórico-geográfico e também da missão cristã: de Jerusalém até os confins da terra (*At* 1,8). Outro texto é *At* 28,28. Por fim, o último versículo (*At* 28,31) tem também esta função, resumindo em estilo denso e preciso a atividade missionária de Paulo no centro do mundo pagão.

Com base nesses critérios, tendo presente também o plano teológico mais abrangente de Lucas, que se pode detectar lendo a obra completa *Lc-At*, é possível identificar um plano em *Atos*. Mesmo tendo presentes estes critérios, cada autor apresenta alguma particularidade em sua proposta de estrutura. Isso, porém, não se constitui em dificuldade

¹⁰ Cf. R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, p. 27-43.

maior. Mesmo a divisão em 3, 4 ou 5 partes ou seções, é possível com base nesses mesmos critérios. Estamos longe da unanimidade.¹¹

3.2 Descrição das cinco seções

Primeira seção: 1,1-5,42.

Na primeira seção, tematiza-se a origem da Igreja de Jerusalém, tendo como evento de fundação o dom do Espírito Santo em Pentecostes (cf. At 2).

Destaque especial cabe a Pedro e à sua palavra, como porta-voz dos doze. Seu discurso inflamado é característico do líder de um novo grupo em formação.

A comunidade Santa: tríplice perseverança na palavra, na comunhão fraterna e na fração do pão/prece (cf. At 2,42-47; 4,32-35; 5,12,16).¹²

Começa o conflito entre os apóstolos e os representantes dos saduceus (templo): apesar da intimidação, continuam sua missão. A vida da comunidade tem aprovação popular. Esta seção fecha com a nota de entusiasmo em 5,42.

Segunda seção: 6,1-12,25

Aqui o cenário torna-se mais rico, com diferentes protagonistas e campos de ação missionária.

1 – Estêvão: é figura destacada por dois capítulos. Ele é o líder dos “7 diáconos”. Os diáconos são o grupo eleito para funcionar como hierarquia dos judeus cristãos de língua grega. Animado pela força do Espírito Santo, Estêvão, com grande capacidade de falar (oratória), rebate os judeus helenistas. Seus discursos atingem também as instituições sagradas do templo e da Lei de Moisés bem como o conjunto das observâncias legais judaicas. Esse confronto acaba causando o martírio de Estêvão. Seu grupo, os cristãos helenistas, perseguidos, são obrigados a sair da cidade.

¹¹ Cf. SILVA, Cássio Murilo Dias da e RABUSKE, Irineu J., in: *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*; novíssima tradução dos originais, p. 219, na introdução a At, seguindo o critério do texto programático de At 1,8, propõem a seguinte divisão: 1,1-11: Vínculo com o Evangelho de Lucas; 1,12 – 8,1a: Em Jerusalém; 8,1b – 12,25: Em toda a Judeia e Samaria; 13,1 – 28,31: Até os Confins da Terra.

¹² Os textos citados referem-se aos três *sumários* referentes à comunidade primitiva. Da vasta literatura acerca desses sumários e de sua avaliação histórica, cf. HENGEL, Martin, *Propriedad y Riqueza em el Cristianismo Primitivo*.

2 – Felipe: é também um dos “7 diáconos”. Com a perseguição dos cristãos helenistas, ele se dirige, animado pelo Espírito Santo, aos Samaritanos.

3 – A conversão de Saulo: de perseguidor, é chamado a ser testemunha do Senhor que lhe apareceu no caminho de Damasco. Sua atividade inicial em Damasco e em Jerusalém provoca reação violenta dos judeus.

4 – Pedro, na casa de Cornélio: é o primeiro gesto de abertura oficial ao mundo pagão. Anuncia o Evangelho na casa deste oficial romano e reconhece a ação do Espírito Santo que desce sobre os pagãos, à semelhança do que acontecera em Jerusalém no Pentecostes. Nasce aqui a primeira Igreja entre os pagãos, por iniciativa divina, como devem reconhecer Pedro, os demais apóstolos e os cristãos de Jerusalém. Estes últimos não tinham gostado da atitude de Pedro que aceitou hospitalidade na casa de um pagão, coisa abjeta para os padrões judaicos. Com este gesto de Pedro (e do Espírito Santo), está oficialmente inaugurada a *missão*.

5 – Antioquia: narra-se agora a missão em Antioquia, onde se pode identificar a primeira comunidade cristã mista.

6 – Barnabé e Paulo fazem em Antioquia sua primeira experiência como catequistas.

7 – Rompimento com o Judaísmo: antes de passar para a missão no mundo fora da Palestina, *Lc* narra de maneira muito dramática a definitiva separação do Judaísmo. Tiago, irmão de João, torna-se o segundo mártir cristão sob a perseguição de Herodes Agripa I. Pedro foge da prisão. Vai ainda reaparecer rapidamente no Concílio de Jerusalém para então não mais ser mencionado. Lucas privilegia a missão de Paulo, que daqui em diante será o grande protagonista.

Terceira seção: 13,1-15,35

Esta seção é quase exclusivamente dedicada à primeira missão fora da Palestina.

A comunidade de Antioquia: aqui inicia a primeira missão. Personagens principais são Paulo e Barnabé. A eles associa-se João Marcos, que novamente se separa do grupo, antes que passem para a Anatólia. Agora Paulo toma a liderança e as iniciativas. Paulo e Barnabé dirigem-se aos cristãos da diáspora nas cidades da Anatólia. Em Antioquia da Pisídia, Paulo fala aos judeus na sinagoga. Diante da recusa destes, decide-se a dirigir-se diretamente aos pagãos. A reação

violenta dos judeus os obriga a irem adiante, para localidades tais como Icônio, Listra e Derbe. Esta primeira missão é concluída em Antioquia da Síria, de onde a missão havia partido. Retornam contando como Deus fez “abrir a porta da fé aos gentios” (At 14,27).

Diante disso os cristãos de origem judaica reagem. Não conseguem aceitar a entrada de pagão no movimento cristão. Não os reconhecem como iguais, se não passarem primeiro pelo ritual de submissão à lei judaica. Não está em questão apenas o método missionário de Paulo, mas o próprio conceito de salvação. Pode alguém alcançar a salvação sem se tornar primeiro judeu? Paulo vai a Jerusalém, onde uma assembleia dos apóstolos e de representantes da Igreja local, sob a presidência de Tiago, decide a favor da liberdade dos pagãos convertidos. Temos um “documento” com as conclusões desse assim chamado “Concílio de Jerusalém”. Esse documento confirma a ideia de uma única Igreja, formada agora tanto de judeus como de pagãos que se converteram ao movimento de Jesus. Prepara-se assim o clima para a nova missão de Paulo, nas cidades da bacia oriental do Mediterrâneo.

Quarta seção: 15,36-20,38

Aqui o tema é a grande viagem missionária de Paulo. 1) Vai à Macedônia/Grécia. Permanece em Corinto por um ano e meio. 2) Segue para a Ásia, ficando por lá durante três anos, sendo Éfeso o ponto de referência.¹³

A viagem “ideal” inicia em Jerusalém e termina na Ásia, em Éfeso. Durante esta viagem, podem-se observar aventuras, projetos e tribulações de Paulo, acompanhado de seus colaboradores Silas, Timóteo, Áquila com Priscila e os representantes das comunidades dos centros mais importantes, tais como Filipos, Tessalônica, Corinto, Éfeso e Trôade. Esta longa viagem mostra o confronto do Cristianismo representado por Paulo, com o ambiente e pensamento pagão, tanto o intelectual de Atenas como o mais popular de Éfeso. Também pode-se observar a resistência dos judeus nestas cidades, que tentam apresentar o movimento cristão como politicamente perigoso às autoridades romanas.

¹³ Cf. BECKER, Jürgen, *Apóstolo Paulo: Vida, Obra e Teologia*, p. 40; 127; 186-188.

Quinta seção: 21,1-28,31

Esta seção recebe também o título de “Paixão de Paulo”.¹⁴ Após a longa viagem pela diáspora, Paulo chega a Jerusalém e é preso no átrio de Templo, acusado de profanar o recinto sagrado, trazendo para aí um pagão. A intervenção da autoridade romana permite a Paulo evadir-se das manobras e atentados dos judeus. Paulo é acusado, em sucessivas audiências, de desrespeito às instituições judaicas (principalmente ao templo) e perturbação da ordem pública (movimento cristão como movimento antirromano). Para tentar uma saída, Paulo vale-se de sua condição de cidadão romano, apelando ao imperador. Começa a viagem para Roma. O navio em que vai naufraga na ilha de Malta. Os sobreviventes são aí recolhidos e passam o inverno. Depois continuam a viagem em outro navio até Putéoli. Daí seguem a pé até Roma.

Em Roma Paulo tenta novamente contato com os judeus, que, porém, o rejeitam, fazendo com que o apóstolo rompa definitivamente com eles, dirigindo-se agora somente aos pagãos durante os dois anos de prisão na capital do mundo. Com isso Lucas atinge seu objetivo, como “historiador”. De Jerusalém, por etapas sucessivas, o anúncio da *Palavra* atingiu o universo todo, representado por Roma, onde Paulo podia pregar sem sofrer nenhuma importunação, bem ao contrário do que havia ocorrido ao longo de toda a carreira missionária do Apóstolo.

Conclusão

Lucas elabora, a seu modo, uma história das origens cristãs. Não se trata de uma história segundo nossa compreensão moderna. A narrativa tem um caráter especificamente teleológico:¹⁵ Lucas pretende, mediante uma narrativa teológica, apresentar a evolução da Igreja em suas origens. Isso ajuda os cristãos de suas comunidades a perceberem as próprias raízes de sua identidade. Pode-se encontrar nesta história como o Espírito e a Palavra se expandem desde a Palestina até os confins do mundo. A tese de Lucas é a de que existe um nexo de continuidade, ininterrupto, desde o primeiro anúncio de Jesus na sinagoga de Nazaré (*Lc* 4,16ss), passando pelo anúncio feito pelos apóstolos em Jerusalém e na Palestina, estendendo-se até às comunidades helenísticas da Grécia,

¹⁴ Em *At* 21 inicia uma nova fase na vida do apóstolo Paulo, para a qual não dispomos de nenhum documento paulino, cf. BECKER, Jürgen, *Apóstolo Paulo: vida, obra e teologia*, p. 371.

¹⁵ Cf. Rinaldo FABRIS, *Atti degli Apostoli*, p. 32ss.

Ásia e, por fim, na própria capital do império, Roma. Atinge-se assim o que programaticamente é dito em *At 1,8*: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”.

Lucas escreve um período em que o Cristianismo, como fenômeno religioso, ainda está a caminho de sua autonomia. Lucas, teologicamente, antevê o resultado que a marcha da Palavra atingirá. De Jerusalém (*At 1,8*), chegará até os confins da terra. Essa é a vocação universal da Igreja. Vencendo todo tipo de obstáculo, a Palavra atingirá esse final, antevisto simbolicamente na última cena, com o apóstolo Paulo pregando com toda a ousadia e liberdade em sua prisão domiciliar em Roma (*At 28,30-31*).¹⁶

A história das origens cristãs serve ainda hoje de marco referencial para a inserção da Igreja no momento histórico atual.¹⁷ É lendo as origens da Igreja que será possível discernir como poderia configurar-se a sua concreta presença e atuação neste novo milênio que está apenas nos seus inícios.

Referências

BECKER, Jürgen. *Apóstolo Paulo: vida, obra e teologia*. Tradução de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A. *Les actes des deux Apôtres*. Paris: Gabalda, 1990. Vol. 1: Introduction – Textes. (Études Bibliques, nouvelle série 12).

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal, 1988-1989. Vol. 1. (Comentário Bíblico NT).

CONZELMANN, Hans. *El centro del tiempo*. Madrid: Ediciones Fax, 1974.

ESLER, Philip Francis. *Community and Gospel in luke-acts: the social and political motivations of lukan theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS: Novíssima tradução dos originais. Tradução, introduções e notas de Cássio Murilo Dias da Silva e Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2011.

FABRIS, Rinaldo. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

FABRIS, Rinaldo. *Atti degli Apostoli*. Roma: Borla, 1984.

¹⁶ Cf. COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*, v. 1, p. 38ss.

¹⁷ Para uma leitura pastoral, é útil a obra de Pablo RICHARD, *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*.

HAENCHEN, Ernst. *Der Weg Jesu: eine Erklärung des Markus-Evangeliums un der kanonischen Parallelen*. 2. ed. Berlin: W. de Gruyter, 1968.

HAENCHEN, Ernst. *Die Apostelgeschichte*. Goettingen: Vandenhoeek & Ruprecht, 1956.

HENGEL, Martin. *Propriedad y riqueza en el cristianismo primitivo*. Bilbao, Desclée de Brouwer, 1984.

MEEKS, Wayne. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 1992.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

Recebido: 21/03/2012

Avaliado: 26/03/2012